

JOACHIN AZEVEDO NETO

(ORGANIZADOR)

# HISTÓRIA: REPERTÓRIO DE REFERÊNCIAS CULTURAIS E HISTÓRICAS



JOACHIN AZEVEDO NETO

(ORGANIZADOR)

# HISTÓRIA: REPERTÓRIO DE REFERÊNCIAS CULTURAIS E HISTÓRICAS



**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## História: repertório de referências culturais e históricas

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Joachin Azevedo Neto

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História: repertório de referências culturais e históricas /  
Organizador Joachin Azevedo Neto. – Ponta Grossa -  
PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0514-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.146220209>

1. História. 2. Conhecimento. I. Azevedo Neto, Joachin  
(Organizador). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

A obra *História: Repertório de referências culturais e históricas* consiste em uma compilação de artigos acadêmicos que lançam importantes e criteriosas reflexões tanto acerca da pluralidade de recortes temáticos, fontes documentais, bem como das múltiplas formas de se buscar compreender sociedades e culturas situadas em variadas temporalidades.

Buscamos inserir a sequência dos textos em uma lógica dotada de certa linearidade a partir dos temas tratados pelos(as) autores(as), mas sem obedecer a esquemas cronológicos rígidos. A complexidade da construção dos saberes históricos aponta para a necessidade de se considerar os diálogos – com rupturas e continuidades – que distintas épocas mantêm. Leitores dessa publicação terão contato com discussões historiográficas em torno da História do Direito, de práticas escravistas e formas de resistência negra pelo viés decolonial. A História das Mulheres, campo de investigações extremamente urgente para a atualidade, também foi aqui contemplado com estudos relevantes. Nesse mesmo diapasão, a História da Música e das Artes receberam merecido destaque nas páginas seguintes. Identidades, formação docente, ensino de História e as crises humanitárias que permeiam o neoliberalismo global compõem a parte final desta obra repleta de contribuições científicas importantes.

Sendo assim, a diversidade de temas de pesquisa histórica aqui abordados deu os subsídios necessários para que o presente livro possa vir a contribuir para a formação de iniciantes no universo das Ciências Humanas ou o aprofundamento de questões empíricas sob as quais trabalham professores e investigadores mais experientes. Esse mosaico de produções acadêmicas agrega também a possibilidade de circular em diferentes setores da sociedade que estão comprometidos com o interesse público e a necessária ponderação sobre cidadania nos tempos atuais.







A obra *História: Repertório de referências culturais e históricas* apresenta verificada densidade teórica e metodológica, perceptível nas considerações feitas por autores que destemidamente demonstraram que o conhecimento histórico, pautado em estudos sérios e consequentes, continua sendo possível e indispensável no mundo que vivemos.


Joachin Azevedo Neto



## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
SENTIDOS PARA UMA TRANSIÇÃO: APONTAMENTOS SOBRE O CAMPO JURÍDICO NO PERÍODO MONÁRQUICO	
Marcus Vinícius Duque Neves	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202091">https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202091</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
A FESTA DA SANTÍSSIMA TRINDADE NO HOSPITAL LÁZAROS: DEVOÇÃO E PARADOXO	
Márcia Valéria Teixeira Rosa	
Dijavan Mascarenhas	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202092">https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202092</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>27</b>
LUTAS CONTRA A ESCRAVIZAÇÃO ILEGAL E A IMPUNIDADE NO CEARÁ DO SÉCULO XIX	
Antonia Márcia Nogueira Pedroza	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202093">https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202093</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>38</b>
CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS: MULHERES NEGRAS, HISTÓRIA E IDENTIDADE	
Edineide Jorge dos Santos	
Maria Jorge dos Santos Leite	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202094">https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202094</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>50</b>
ARANDO O TORTO DESTINO DOS DESCENDENTES DE ESCRAVIZADOS NO BRASIL	
Maurício José de Faria	
Regina Aparecida de Moraes	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202095">https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202095</a>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>61</b>
JOSEPH KI-ZERBO E CLÓVIS MOURA: TRAJETÓRIAS E HISTORIOGRAFIAS ATLÂNTICAS	
Elio Chaves Flores	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202096">https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202096</a>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>75</b>
A DITADURA DEMOCRATIZADA: AS MATRIZES HISTÓRICAS DO CENTRALISMO POLÍTICO NA CONSTRUÇÃO DO ESTADO ANGOLANO E MOÇAMBICANO	
Jochua Abrão Baloi	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202097">https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202097</a>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>89</b>
A FORMAÇÃO DOCENTE FEMININA NO PIAUÍ (1900-1930): ESCOLA NORMAL COMO INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL FEMININA	
Lorena Maria de França Ferreira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202098">https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202098</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>100</b>
ENTRE MEMÓRIAS E DISCURSOS: A ESTRUTURA DA NARRATIVA DE <i>O CHORO</i> , DE 1936, E SUAS CORRELAÇÕES NA HISTORIOGRAFIA DA MÚSICA URBANA BRASILEIRA	
Denis Wan-Dick Corbi	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202099">https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202099</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>111</b>
CIDADE E MÚSICA: ESPAÇO E OBJETO DE RELAÇÃO DE MEMÓRIA	
Angela Maria da Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020910">https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020910</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>119</b>
AS MULHERES NO PROCESSO DE COLONIZAÇÃO DE SANTO ANTÔNIO DO CAIUÁ (1950 A 1970)	
Rosângela Carvalho dos Santos Mendonça	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020911">https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020911</a>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>131</b>
ENTRE O BARROCO E O MODERNO: REPRESENTAÇÕES DA CIDADE NA PINTURA DE YARA TUPYNAMBÁ	
Marcelo Cedro	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020912">https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020912</a>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>172</b>
O ENSINO DE HISTÓRIA NOS LIVROS DIDÁTICOS: PROPOSTAS DE APRENDIZAGEM NOS ESPAÇOS MUSEOLÓGICOS	
Nathalia Vieira Ribeiro	
Darcylene Pereira Domingues	
Júlia Silveira Matos	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020913">https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020913</a>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>182</b>
A FORMAÇÃO PEDAGÓGICA E A DOCÊNCIA JURÍDICA: ESTADO DA ARTE	
Maria Aparecida de Almeida Araujo	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020914">https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020914</a>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>192</b>
DOGMA 95: A FESTA DOS IDIOTAS E A CRISE DA ARTE NA PÓS-MODERNIDADE	
Felipe Monteiro Pereira de Araújo	


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020915>

**CAPÍTULO 16.....204**

DA SUBJETIVIDADE À FORMAÇÃO DE IDENTIDADES POLÍTICAS: UMA INVESTIGAÇÃO  
A PARTIR DAS JORNADAS DE JUNHO DE 2013

Fabício de Oliveira Farias


Flávia Ferreira Trindade

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020916>

**CAPÍTULO 17.....215**

RELIGIOUS FREEDOM, A HUMAN RIGHT IN CRISIS


Maria Helena Guerra Pratas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020917>

**CAPÍTULO 18.....225**

TEMPO E CRISE NO 2º GOVERNO DE VARGAS: UM OLHAR A PARTIR DO  
PENSAMENTO DO INTELLECTUAL HÉLIO JAGUARIBE

Cleber Ferreira dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020918>

**SOBRE O ORGANIZADOR.....233**

**ÍNDICE REMISSIVO.....234**

# CAPÍTULO 16

## DA SUBJETIVIDADE À FORMAÇÃO DE IDENTIDADES POLÍTICAS: UMA INVESTIGAÇÃO A PARTIR DAS JORNADAS DE JUNHO DE 2013

*Data de aceite:* 01/09/2022

*Data de submissão:* 08/08/2022

### **Fabício de Oliveira Farias**

Universidade Federal de Pelotas –  
Departamento de História  
Pelotas – RS  
<https://orcid.org/0000-0002-8422-679X>

### **Flávia Ferreira Trindade**

Universidade Federal de Pelotas –  
Departamento de Filosofia  
Pelotas – RS  
<http://lattes.cnpq.br/0707517575596082>

**RESUMO:** O presente trabalho visa traçar uma investigação a partir das manifestações ocorridas em junho de 2013 no Brasil e verificar o papel das grandes instituições nos rumos que os acontecimentos tomaram na época. Partiremos de uma revisão dos fatos a partir da análise de autores que abordam a temática das jornadas de junho, bem como completaremos nosso arcabouço teórico com conceitos pertinentes a esta análise. Passando então a investigação sobre como as relações de poder podem ser subjetivadas e desvirtuadas de seu objetivo inicial através de uma coerção baseada na resignificação da violência. Verificaremos que tal maquinação pode ocorrer a partir da identificação, e assim, os caminhos pelos quais a grande massa de pessoas reivindica o fim de sua indignação podem ser moldados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornadas de junho, subjetividade, relações de poder.

**ABSTRACT:** This article intends to plot an investigation starting at the protest movements occurred in June of 2013 in Brazil and to verify the role of great institutions in the course of events at the time. We will start by doing a revision of the facts through the analysis of authors that wrote about the theme, as well as complete our framework with concepts that are alligned to this analysis. Passing then to the study on how power relations can be subjectivized and perverted from their initial objective through a violence resignification based coercion. We will check that such machination may occur through identification, and so, the ways for which the great mass of people claims the end of their indignation can be molded.

**KEYWORDS:** Journeys of June, subjectivity, power relations.

Partindo de uma observação das manifestações ocorridas em junho de 2013 em praticamente todo o território brasileiro, podemos perceber que elas deixaram um legado. Legado esse, que até os dias atuais é possível verificar atuando nas mais diversas áreas da sociedade, principalmente na política e nas relações entre indivíduos, para as quais voltaremos nossa atenção nesta investigação. Esta é uma pesquisa em andamento, portanto, abordaremos aqui apenas alguns aspectos passíveis de análise acerca das modificações

no ideário<sup>1</sup> político brasileiro, ocorridas a partir de 2013.

Em artigo para a revista *Projeto História*, de São Paulo, publicado em agosto de 2013, intitulado “Embates e disputas em torno das jornadas de junho”, Gilberto Calil<sup>2</sup> nos apresenta a forma como tiveram início os protestos e a forma como se modificaram. O MPL<sup>3</sup> organizou manifestações, como era costumeiro a esse grupo social, para reivindicar a reversão do aumento de R\$ 0,20 na passagem do transporte coletivo em São Paulo, nas quais houve aderência de grande parte da população. A mídia pouco se importou em valorar as manifestações no momento inicial, mas, a partir da chamada para o 4º grande protesto, passou a deslegitimar o movimento, taxando os manifestantes de violentos e irresponsáveis e exigindo que o poder público tomasse uma atitude repressiva frente aos protestos, que bloqueavam ruas e geravam problemas de tráfego. Com o início das repressões por parte da polícia, que tentava sempre jogar a culpa pela violência nas vítimas, diversos vídeos e relatos passaram a circular nas redes sociais, provando que a violência partira, na verdade, da própria polícia.

A mídia então percebeu que deveria adotar uma estratégia diferente, passando a demonstrar apoio, como se não houvesse, antes, incentivado a dura repressão policial que havia se instaurado.

Ainda na quinta-feira à noite, várias informações e vídeos colocavam a nu a grosseira manipulação da grande imprensa. Ao contrário do que tinha sido dito, verificava-se que a repressão produziu muitos feridos; que as liberdades democráticas foram completamente atropeladas, sendo simbólico o episódio do jornalista da revista *Carta Capital* preso por “porte de vinagre”; que a repressão foi indiscriminada e não se restringiu à “contenção dos vândalos”, mas ao contrário tentou impedir a realização da manifestação. Muitos vídeos circularam nas redes sociais, documentando a amplitude da repressão policial. A situação estava decididamente fora de controle para a grande imprensa e tornava-se imperativo construir um novo discurso para retomar a iniciativa. (CALIL, 2013, p. 385)

A construção e, posteriormente, a mudança de discurso por parte da mídia que cobria as manifestações moldava dia-a-dia a opinião pública e inflava os ânimos da sociedade. Mesmo com a referida mudança para um viés mais brando e de apoio aos protestos, a visão de delinquência já havia sido veiculada e assimilada por alguns, ao mesmo tempo em que a visão de eficácia da mobilização popular também se instaurava. A linguagem é um meio poderoso de chegar ao cerne do pensamento dos indivíduos. As notícias veiculadas e a cobertura pela mídia foram pouco a pouco trazendo à tona posicionamentos intolerantes travestidos de reivindicações legítimas.

Analisando a linguagem como ferramenta de controle de massas a partir da mídia,

---

1 Aqui entendido como o conjunto de concepções acerca de um determinado tema, neste caso, visões políticas.

2 Pós-doutor em História pela Universidade do Porto, atualmente professor associado na Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

3 Movimento Passe Livre

utilizaremos dois pontos tratados por Terwilliger<sup>4</sup> sobre a psicologia da linguagem. Se por um lado:

A punição assegura, além disso, a *eliminação* de todas as respostas anteriores, que pudessem eventualmente estar ligadas ao comando verbal. Temos, pois, o surgimento de uma tendência de resposta, simultaneamente com a eliminação de todas as outras tendências de comando. (TERWILLIGER, 1974, p. 321)

Isto posto, a respeito do discurso midiático contrário às manifestações populares e que exigia sua repressão; por outro lado:

Importa concluir, conseqüentemente, que o comando é eficaz não porque as palavras tenham chegado a significar certas coisas, mas *precisamente porque chegaram a nada significar. Não são mais palavras*, são meros estímulos em que é possível confiar que despertem uma e apenas uma tendência de resposta. Nada pode quebrar este ciclo, depois de estabelecido, exceto alguma transformação radical na situação de estímulo ou no contexto. (TERWILLIGER, 1974, p.321-322)

A transformação radical de que fala Terwilliger teria sido o desnudar da violência policial, uma das razões pelas quais a mídia passou a apoiar os protestos. O apoio das mais variadas correntes políticas vinculadas à esquerda tomou vantagem frente ao poder mobilizador do movimento que tomava forma, trazendo consigo suas pautas identitárias e, assim, atraindo também atores do outro lado do espectro político. Analisaremos a referida mudança discursiva nas páginas que seguem a partir de alguns tópicos conceituais pertinentes, que emprestarão seus nomes às seções que compõe o texto. Desta forma, poderemos efetuar cesuras que nos permitam analisar de que forma e por quais razões ocorre tal mudança.

## 11 SUBJETIVIDADE

Costumeiramente tem-se a ideia de que a subjetividade compreende um modo do indivíduo pensar e entender a si mesmo, sendo estruturado pelo próprio sujeito, ou seja, sem nenhuma influência externa. Poderia ser considerada, se assim fosse possível, a relação pura e íntima do indivíduo consigo mesmo a qual os demais indivíduos e a sociedade não teriam acesso algum. Porém, segundo o pensamento do filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) essa forma quase que romântica de fundamentar a subjetividade se constitui de modo diversamente diferente desse ideal acima exposto.

O exemplo fornecido pelo filósofo é o dos *aphrodisia*, ou, os atos sexuais gregos, que correspondem a uma forma de subjetividade, pois, existiam costumes sexuais para os gregos que faziam parte de toda uma cultura de si, em resumo, do indivíduo consigo mesmo. Com a ascensão do poder da Igreja e a instauração de normas impassíveis de

---

<sup>4</sup> Professor adjunto de psicologia na *New School for Social Research*, falecido em 2019.

questionamento, essa cultura de si torna-se impossível de ser mantida pelas influências externas. Por meio de sua investigação das práticas de cuidado consigo mesmo Foucault tenta resgatar uma subjetividade plena, que escaparia do poder do Estado, seria uma passagem do governo dos outros (Capitalismo, disciplinas, biopoder) para um governo de si realmente, o que seria uma subjetividade por excelência.

O filósofo francês, após tecer uma longa análise de como se instaurou o casamento enquanto forma ideal de relação pela igreja, eliminando outras possibilidades de relacionamento como aceitas conceitua, enfim, discorre sobre o que entende por subjetivação. As tecnologias de si são justamente os modos como os indivíduos foram levados a pensar a si próprios, foram os investimentos, da Igreja, das normas sociais, terapêuticos que ditam como o indivíduo deve pensar a si próprio. Nesse ponto temos claramente que a objetivação é o mecanismo que faz com que o indivíduo torne-se objeto para si mesmo. Em última instância, por meio de normas externas, o indivíduo conduz o modo como irá pensar a si próprio, como esboça Foucault no curso de 1981, *Subjetividade e Verdade*, a saber:

Parece-me que nesta análise das tecnologias de si, que vocês talvez tenham achado um pouco emperrada e lenta, mesmo assim podemos detectar um momento historicamente importante nessa história que seria a história da subjetividade - subjetividade entendida como o conjunto de processos de subjetivação aos quais os indivíduos foram submetidos ou que aplicaram com relação a si mesmos. (FOUCAULT, 2016, p. 255)

As tecnologias de si são justamente os modos como os indivíduos foram levados a pensar a si mesmo, foram os investimentos que ditam como os indivíduos devem pensar a si próprios. Nesse ponto temos claramente que a objetivação é o mecanismo que faz com que o indivíduo torne-se objeto para si mesmo. Em última instância, por meio de normas externas, o indivíduo conduz o modo como irá pensar a si próprio. Partindo da citação acima exposta podemos refletir em como o que entendemos a uma primeira vista como subjetividade está longe de ser uma verdadeira relação com nós mesmos, adaptaram o nosso interior conforme influências midiáticas e sociais pela ausência (seja de tempo ou interesse) de um conhecimento de nós mesmos, de uma total falta do cultivar-se. As mudanças de comportamento, pensar, vestir, comer, tornam-se intercambiáveis, bastando apenas um mudar dos ventos proposto pelas instituições para que todo o nosso interior se adapte por completo a um novo dogma social.

A velocidade do tempo na sociedade capitalista prejudica qualquer possibilidade de pensar subjetivo que parta apenas do indivíduo e a contribuição de movimentos de pensamento e conduta que se apresentam como corretos crescem a cada dia, fazendo do sujeito um barco a deriva. O ponto onde culmina toda essa avalanche de subjetivação é o corpo, é por meio dele que o Estado acessa o indivíduo e será nele que o mesmo investirá de forma massiva. O ponto onde as instituições atingem será sempre o corpo, em última

instância, o corpo é o que permite o acesso direto ao indivíduo, e será sobre eles que serão feitos investimentos com vista a se obter o que se considerará necessário à manutenção do bom andamento e produtividade em dada sociedade. Na obra *O corpo Utópico e suas Heterotopias*, Foucault pronuncia:

Meu corpo está, de fato, sempre em outro lugar, ligado a todos os outros lugares do mundo e, na verdade, está em outro lugar que não o mundo. Pois, é em torno dele que as coisas estão dispostas, é em relação a ele - e em relação a ele como em relação a um soberano - que há um acima, um abaixo, uma direita, uma esquerda, um diante, um atrás, um próximo, um longínquo. O corpo é o ponto zero do mundo, lá onde os caminhos e os espaços se cruzam, o corpo está em parte alguma: ele está no coração do mundo, este pequeno fulcro utópico, a partir do qual eu sonho, falo, avanço, imagino, percebo as coisas em seu lugar e também as nego pelo poder indefinido das utopias que imagino. Meu corpo é como a Cidade do Sol, não tem lugar, mas é dele que saem e se irradiam todos os lugares possíveis, reais ou utópicos. (FOUCAULT, 2013, p. 14)

## 2 | VIOLÊNCIA

Analisemos o seguinte pressuposto:

Em resumo, existe em todas as formas de revolta (mesmo em sua forma mais instituída que é a revolução) a esperança de uma estruturação social alternativa; a ruptura conserva no seio da sociedade o que se pode chamar “o sonho acordado de uma nova sociedade”. (MAFFESOLI, 1987, p. 40-41)

Podemos observar que o sentimento de revolta contido nas jornadas de junho funcionou como uma bomba de fragmentação que, ao explodir, não tem uma direção ou raio de alcance pré-definidos. Assim, o sentimento de revolta voltou-se, em alguns indivíduos, contra a própria revolta. Maffesoli fala ainda, em *Dinâmica da Violência*, sobre o caráter dúbio destruidor/criador da violência<sup>5</sup>, que faz com que a máquina social se torne imprevisível. Enquanto alguns grupos e atores sociais reivindicavam pautas libertárias, aproveitando-se da amplitude de visibilidade que a onda de protestos gerou, outros grupos também começaram a se formar, como movimentos conservadores, defendendo pautas anticorrupção<sup>6</sup>; ainda outros grupos conservadores, em formação já há muitos anos, teriam sua ascensão neste período, como o Movimento Brasil Livre (MBL), provindo do *Students for Liberty*. Tais grupos, em seus discursos e reivindicações, atrairiam pessoas cujos ideais políticos haviam sido suprimidos nos governos de esquerda, como a mentalidade neoliberal, que tudo privatiza – o fascismo, que nada tolera – o racismo, que segrega – a homofobia,

5 Aqui entendida como um poder repressor, por parte do estado, e como um direito de resposta, por parte dos grupos reprimidos. Como dito pelo autor: “Proponho, então, considerar que o termo violência é uma maneira cômoda de reunir tudo o que se refere à luta, ao conflito, ao combate, ou seja, à parte sombria que sempre atormenta o corpo individual ou social.” (MAFFESOLI: 1987, 15)

6 A corrupção estava em processo de se tornar o que Laclau chama de “significante vazio”, ou seja, algo que não tem um significado, mas carrega consigo todos eles. A corrupção seria a raiz de todos, ou quase todos, os problemas pelos quais havia indignação naquele momento, os problemas de mobilidade urbana, saúde, educação, dentre outros. Cf. PINTO, 2017.



que rotula – dentre outros, que no momento atual do país, vemos novamente ascender.

A indignação surgiu a partir das camadas mais baixas da sociedade, aquelas que em maior parte utilizam os serviços públicos aos quais as manifestações voltavam sua atenção. A justificativa de alguns dos presentes aos protestos para as táticas de enfrentamento e depredação de patrimônio pelas ruas por onde passavam as marchas era de que aquilo não constituía violência. A verdadeira violência seria a precarização dos serviços públicos, os altos custos, as longas filas, a falta de recursos direcionados à população a despeito da alta carga tributária – circunstâncias que afetavam principalmente os mais pobres.<sup>7</sup>

Ao destruir o medo, construía-se a indignação coletiva, uma revolta que tinha a capacidade de envolver uma parcela maior da população. Grande parte dos manifestantes presentes após o quarto grande ato convocado pelo MPL era composta por uma maioria isenta, alheia a qualquer movimento social (PINTO, 2017), maioria esta, que defendia, subjetivamente, pautas anticorrupção que haviam sido agregadas. Como vimos, a subjetividade é algo que é construído fora do corpo. A mídia, em grande parte, como vimos a partir de Calil, teve papel de destaque na transição do discurso durante as manifestações. Fernando Oliveira<sup>8</sup>, em artigo para a *Revista Estudos Libertários*, afirma:

Torna-se uma constante a campanha midiática pela conversão da indignação contra os grandes cartéis do transporte coletivo de São Paulo e a repressão da Polícia em pautas distintas, sobretudo as pautas anticorrupção. Embora novas mídias tenham aparecido para romper o silêncio dos meios de comunicação de massa, a pauta dos atos seguia ampliada e diversificada. (OLIVEIRA, 2020, p.49)

Espontaneamente, a voz das ruas mudou de tom, aderindo à ideia midiática que havia sido implantada e passando a reivindicar o fim da corrupção. Vários discursos pairavam no ar, diversas ideias circulavam por entre as multidões, a revolta instaurada havia se extremado e:

Certamente, é difícil somar essa revolta: é característica da espontaneidade ser fragmentada, remeter a casos particulares, ser frequentemente até, o ato de solitários. Resta ver como ela informa profundamente o dado social, como, além da aparente submissão, a encontramos ativa no arquétipo da resistência que constantemente atormenta o corpo social e que, do mito da greve geral,[...]às diversas e minúsculas ilegalidades, sem esquecer as manifestações sanguinárias da criminalidade, está ativa na estruturação social. (MAFFESOLI, 1987, p. 43)

Porém, no nosso caso particular de análise, havia como que um cone, que direcionava a explosão e levava os fragmentos da bomba a uma direção predeterminada: a da manipulação subjetiva pela mídia. Sendo a espontaneidade fragmentada, basta que

---

<sup>7</sup> Desta forma, é curioso que um ano depois, em 2014, no jogo de abertura da copa do mundo de futebol realizada no Brasil naquele ano, as vaias a então Presidente da República, Dilma Roussef, tenham partido do setor VIP do estádio Itaquerão, lotado pelas camadas mais abastadas da sociedade. Este fato clarifica nosso objeto de pesquisa nesta investigação, como se verificará ao final. Cf. PINTO, 2017.

<sup>8</sup> Professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, doutor em Filosofia pela USP.

haja uma pauta de identificação para que a coesão retorne, ou, pelo menos, a dispersão diminua. Alguns grupos haviam tomado o protagonismo dentre o momento conturbado e cheio de incertezas que se desenhava. Havia uma luta pela narrativa, e a grande mídia possuía vantagem por ocupar uma parte bem maior do ringue. Agindo em escala nacional, os grandes veículos de comunicação de massas, como grandes emissoras de televisão que também possuem jornais impressos, revistas e editoriais online em seus conglomerados poderiam moldar a opinião pública ao seu bel prazer, desde que conseguissem captar o momento e as indignações que se criavam e recriavam a cada novo dia, a cada nova ação tomada pelo poder público frente aos movimentos de revolta.

Desta maneira, partindo do pressuposto que citamos acima, de que toda forma de revolta incita esperança de uma estruturação social, que tem na ruptura um sonho de uma nova sociedade (MAFFESOLI, 1987), faz-se necessário conduzir uma análise acerca dos micropoderes que estão em ação quando em contexto de revolta popular.

### 3 | RELAÇÕES DE PODER

Uma revolta sempre engloba, de uma forma ou outra, uma ruptura, seja de padrões ou de paradigmas, mas, para o contexto desta investigação, é interessante que pensemos sobre as possibilidades de manipulação contidas nessa ruptura. O povo realmente sabe o que está fazendo? Ou está somente seguindo uma concepção pré-pronta do que deve ser feito? Aqueles contra quem a revolta se direciona são realmente opositores? Ou será que eles também têm um papel mandatário nessas mobilizações? A mobilização da população em prol de determinada causa provou-se eficaz em diversos momentos e locais da história<sup>9</sup>, sendo mais ou menos violenta de acordo com as questões específicas de cada momento histórico. E, para um melhor entendimento dessas questões faz-se necessário, no escopo desta investigação, uma análise das relações de poder que permeiam a sociedade. Para isso, utilizaremos a analítica do poder de Michel Foucault, que não situa o poder como algo centralizado, que possui um lugar específico, mas que perpassa todas as instâncias da sociedade, como uma teia que engloba todas as relações entre indivíduos, sejam no âmbito particular ou coletivo.

A disciplina é algo que permeia as mais ínfimas parcelas da sociedade, está presente desde as relações familiares, passando pela escola primária até aos locais de trabalho, tendo como objetivo moldar os corpos, para que funcionem de forma dócil e útil. De acordo com Foucault:

Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é

---

<sup>9</sup> Grandes exemplos são a revolução francesa e as revoluções russas, mas há outros de menor escala, sem que isso diminua sua importância, como as revoltas no Brasil dos séculos XIX e XX

também igualmente uma “mecânica do poder”[...] A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. (FOUCAULT, 2012, p. 133)<sup>10</sup>

Um corpo disciplinado é um corpo “dócil”, um corpo que não oferece resistência à coerção, algo que acontece de forma subjetiva e da qual muitas vezes o indivíduo não tem conhecimento. Exemplos dessa coerção disciplinar podem ser citados nas situações de protesto as quais abordamos, como a necessidade de se informar a polícia sobre o local onde serão realizadas as manifestações, ou a convivência de alguns manifestantes mais pacíficos para com a repressão aos “baderneiros”, sentando-se no chão para facilitar o trabalho da polícia em identificá-los caso haja uma situação que pode gerar conflito, algo que se verificou nas jornadas de junho.<sup>11</sup> Ao mesmo tempo em que existe a revolta e a subversão, em que há o abrandamento do medo e a elevação da coragem ao enfrentamento, existe – no fundo do ideário revolucionário – uma preocupação com o mantimento da ordem (mesmo em meio ao caos), com a disciplina que fora implantada subjetivamente nos indivíduos desde que eles se enxergam como indivíduos.

Outro exemplo é a ideia de “manifestação espetáculo”, analisada por Flávio Junior (2020)<sup>12</sup>, em que uma massa de espectadores reage a um grupo minoritário de lideranças incumbidas de promover a manifestação. Neste tipo de protesto, não há um livro de regras ditando o que o protestante deve fazer, há, sim, uma regra implícita, uma “mentalidade de matilha”, por assim dizer, que necessita seguir o líder para saber onde deve ir, disciplinada e ordeira. Mesmo os *Black Blocks*, em sua dinâmica de enfrentamento, ainda assim se englobam nessa grande massa.<sup>13</sup>

É importante ter em mente que: “O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente.” (FOUCAULT: 2014, p. 12), de modo que, em meio aos protestos pelo Brasil, havia uma dança de relações de poder ocorrendo a todo o momento. Relações entre os manifestantes, relações entre eles e a polícia, entre a polícia e o Estado, entre o Estado e todos os envolvidos. Havia uma relação de dupla troca, os indivíduos estavam ali como grupo fazendo uma petição à sociedade, e ela, por sua vez, fazia suas petições a eles. As manifestações trancavam ruas e (posteriormente) depredavam patrimônio, em prol de uma reivindicação. A sociedade (ou uma parte dela) clamava por ordem, o poder público, então, reprimia, fazendo com o que os manifestantes cedessem, para então o ciclo se reiniciar. Nenhum desses agentes tem mais ou menos poder, todos fazem pender a balança, agiam como que “pisando em ovos”, pois o Estado tem medo de seu povo<sup>14</sup> mas o povo também teme o aparato repressor e o peso da lei. Ninguém podia imaginar o que aconteceria logo após, então, era melhor ser cauteloso,

10 Vale ressaltar, que segundo Foucault, o poder e as disciplinas não são algo negativo, mas sim, produtivo, dentro da sociedade.

11 Cf. OLIVEIRA, 2020.

12 Mestre em História Comparada pela UFRJ.

13 Cf. JUNIOR, 2020.

14 Vide os exemplos que citamos anteriormente. Um levante, potencialmente, pode levar a queda de um governo.

equilibrar a balança.

## 4 | IDENTIDADE/IDENTIFICAÇÃO

Tal constatação nos leva a pensar em *como* um movimento de revolta popular pode ser guiado a certos caminhos e deturpado de sua ideia original, para que a iminente ruptura aconteça de uma forma diferente da que pretende a referida ‘esperança de estruturação social’. As grandes instituições não querem nunca ver seus interesses ameaçados não importa o tipo de situação que ocorra. É nesse momento de nossa investigação que se torna imperativo pensar na questão identitária.

A identificação é, pois, um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção. Há sempre “demasiado” ou “muito pouco” – uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo. (HALL, 2012, p. 106)

Sendo a identidade um processo de suturação, uma costura identitária que molda quem somos, podemos pensar que o ‘eu’ é mutante. As instituições moldam subjetivamente aquilo à que devemos nos identificar. Por exemplo: o aborto no Brasil é proibido e criminalizado, salvo em certos casos específicos. Sendo assim, as crianças são ensinadas desde a escola primária que o aborto é algo condenável e vil. A Cannabis é uma planta que possui diversas propriedades medicinais que os governos do mundo apenas nos tempos mais contemporâneos começam a reconhecer, mas gerações passadas foram ensinadas no sentido de que a maconha é droga e causa dependência, enquanto o tabaco é um produto legalizado e muito mais danoso. Dentro dessa gama de subjetivações, as grandes instituições investem no seu presente, mas, principalmente, no seu futuro próximo.

Sendo assim, é devido pontuar que identidade sempre tem a ver, também, com diferença. Eu sou aquilo que eu não sou, eu me identifico com aquilo que não é o que eu não me identifico. Dentro das relações políticas, os mais variados grupos sociais tentam gerar identificação aos indivíduos, de uma forma subjetiva, apelando para as diferenças em suas identificações, bem como para suas origens.

Na linguagem do senso comum, a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são compartilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal. É em cima dessa fundação que ocorre o natural fechamento que forma a base da solidariedade e da fidelidade do grupo em questão. (HALL, 2012, p. 106)

Podemos assim pensar em como a manipulação do discurso tem o poder de gerar identificação, e esse precisamente é o nosso objetivo. A partir da análise da trajetória discursiva das manifestações de rua entre 2013 e 2015 no Brasil, feita por Céli Pinto, e a partir da já citada análise de Gilberto Calil, podemos inculcar que o discurso veiculado pela mídia gerou identificação dos mais diversos setores da sociedade para com o momento

histórico que estava ocorrendo. Talvez eles houvessem percebido que tratava-se de um momento histórico, ou talvez apenas quisessem ditar os rumos para que tudo acontecesse de uma forma mais pacífica, mas o fato é que, depois dessas manifestações, o Brasil nunca mais seria o mesmo, e a grande mídia foi a grande causadora dessa transfiguração discursiva, pois ela, em grande parte, tem o controle sobre o discurso que será veiculado para a grande massa, sobre a narrativa que será redigida sobre o que está acontecendo e o que aconteceu.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da investigação exposta, podemos chegar à conclusão de que a subjetivação manipula os indivíduos dentro das relações de poder, através daqueles que estão em uma posição superior (instituições sociais, midiáticas e políticas), no objetivo de minar as relações entre os micropoderes sociais e moldá-las em benefício de sua manutenção, dentro de um projeto de poder que gera identificação e adesão política, resultando em um ressurgimento de posicionamentos conservadores que foram combatidos por governos alinhados a esquerda, que legislavam em prol da redução de desigualdades sociais. Com o remanejamento da indignação, as grandes instituições podem moldar os caminhos de qualquer movimento popular, através dos grandes veículos de imprensa. Tudo o que necessitam é oportunidade; oportunidade esta que se apresentava frente aos protestos em massa de 2013 e que foi apropriada de uma forma que até o mais erudito dramaturgo se orgulharia.

Como vimos, o poder não é algo centralizado, relações de poder permeiam toda a sociedade, das mais baixas às mais altas camadas que compõe o tecido social. É claro que as camadas mais abastadas sempre irão defender seus interesses, sem ter aqui a pretensão de entrar em um debate marxista sobre a luta de classes (até porque esse não é o escopo de nossa investigação), e utilizarão todos os meios disponíveis a elas para o manutenção de suas condições de vida. Mesmo que essas camadas não compreendam de onde vem o seu lugar na sociedade e não tenham conhecimento da rede imbricada de relações de poder que lhe concede status, contribuirão para a manutenção do status quo, mantido por instituições que estão além da sua arcada de decisão, manipulados pela subjetividade à que é submetida sua identificação dentro de uma sociedade disciplinada pela indignação, mas, antes, pelo medo.

## REFERÊNCIAS

CALIL, Gilberto. Embates e disputas em torno das jornadas de junho. **Projeto História**, São Paulo, n. 47, p. 377-403, ago. 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/17155>>. Acesso em 23 abr. 2020.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico e suas heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Subjetividade e verdade**: curso no Collège de France (1980-1981). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? *In*: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da Violência**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1987.

OLIVEIRA, Fernando Bonadia. Sobre a indignação: Brasil, junho de 2013. **Revista Estudos Libertários**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 5, p. 34-58, 2º sem. 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/estudoslibertarios/article/view/36233/19955>>. Acesso em: 17 jul. 2020.

PINTO, Céli Regina Jardim. A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015). **Lua Nova**, São Paulo, n. 100, p.119-153, 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64452017000100119&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452017000100119&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 16 jul. 2020.

TERWILLIGER, Robert. **Psicologia da Linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1974.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

África 48, 53, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 79, 82, 84, 86, 87, 121

Alagoas 39

Angola 63, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88

Arquivologia 13

### C

Cativeiro 27, 33, 58

Ceará 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 123

Clóvis Moura 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74

Código criminal 27, 29, 31

Cotidiano 6, 35, 36, 55, 57, 95, 114, 115, 118, 229

### D

Democracia 75, 82, 84, 85, 86, 87, 88

Descendentes de escravizados 50, 55, 56, 59, 60

Diáspora 61, 62, 72, 73, 74

Direito 2, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 32, 35, 42, 52, 54, 55, 57, 58, 76, 78, 79, 83, 84, 87, 89, 97, 126, 143, 182, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 190, 191, 208, 225

Ditadura 75, 76, 77, 83, 84, 85, 86, 87, 150

### E

Encantado 50, 51, 55, 57, 58, 59, 60, 101, 105, 107

Escravidão 2, 3, 4, 7, 23, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 41, 42, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 64, 67, 69, 70, 71, 72, 162

Escravizados 27, 31, 32, 33, 34, 35, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 70

### F

Formação docente 2, 89, 91, 98, 186, 187

Fredick Barth 44

Frei Antônio do Desterro 15, 16, 18

### H

História 1, 2, 1, 2, 12, 13, 25, 27, 33, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 83, 87, 88, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113,

114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 144, 150, 159, 161, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 179, 180, 192, 195, 196, 198, 202, 203, 204, 205, 207, 210, 211, 213, 225, 231, 233

História cultural 139, 170, 180, 233

História da arte 13, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 161, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 202

História da educação 179

História da música 2, 102, 103, 105

História das mulheres 2, 119

História social 27, 36, 37, 74, 104, 137, 140

Historiografia 4, 61, 62, 63, 64, 72, 74, 100, 101, 102, 103, 105, 107, 131, 135, 140, 166, 169, 180, 233

## I

Identidade étnica 38, 39, 41, 45, 46, 47, 48

Instituições 1, 4, 11, 59, 65, 66, 67, 72, 76, 80, 85, 86, 89, 122, 125, 150, 178, 182, 183, 188, 189, 195, 204, 207, 212, 213

Itamar Vieira Jr. 50

## J

James Scott 32

Joseph Ki-Zerbo 61, 62, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74

## L

Lepra 14, 15, 23

Liberalismo 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 229

Libertos pobres 27, 31, 33

## M

Max Weber 44

Memória 17, 25, 39, 40, 48, 49, 63, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 106, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 129, 132, 133, 154, 159, 160, 163, 166, 167, 168, 169, 179, 180

Moçambique 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88

Monarquia 1, 3, 5, 8, 10, 11

Mulheres negras 38, 39, 41, 47

## P

Pe. Antônio Vieira 59

Política 1, 3, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 18, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 49, 64, 65, 69, 71, 72, 73, 75, 78,



80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 109, 119, 129, 149, 170, 176, 184, 195, 204, 210, 213, 216, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233

Positivismo 3, 4, 183, 189

Pós-modernidade 192, 197, 198, 200, 201, 202, 203

Práticas jurídicas 1

## **Q**

Quilombolas 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48

## **R**

Resistência 2, 30, 32, 36, 37, 38, 41, 42, 43, 46, 47, 48, 53, 71, 72, 80, 197, 198, 209, 211

Rio de Janeiro 11, 12, 13, 14, 15, 25, 26, 35, 36, 37, 48, 49, 60, 73, 74, 87, 100, 107, 109, 110, 130, 132, 143, 146, 168, 169, 180, 190, 191, 202, 203, 209, 213, 214, 225, 226, 231, 232

## **S**

Século XIX 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 11, 12, 14, 27, 33, 36, 37, 38, 40, 53, 62, 68, 71, 91, 97, 101, 112, 113, 135, 142, 143

## **T**

Thomas Driendl 13, 22, 23

Torto Arado 56, 57

## **Y**

Yara Tupinambá 133, 146, 147, 149, 150, 151, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 163, 169

🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

📷 @atenaeditora

📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# HISTÓRIA: REPERTÓRIO DE REFERÊNCIAS CULTURAIS E HISTÓRICAS



🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

📷 @atenaeditora

📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# HISTÓRIA: REPERTÓRIO DE REFERÊNCIAS CULTURAIS E HISTÓRICAS

